

Uma antropologia militante

(Entrevista com Carlos Rodrigues Brandão)

Por: ROBERTO LIMA* e
CINTYA MARIA COSTA RODRIGUES**

Quando foi confirmado que Carlos Brandão seria um dos homenageados da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, os alunos de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás que foram responsáveis pela cobertura jornalística do congresso ficaram extremamente interessados em entrevistá-lo para o jornal dos discentes do departamento, o *Senso Comum*. Afinal, Brandão é responsável pelas primeiras pesquisas antropológicas realizadas no estado de Goiás e ministrou aqui, na década de 1970, cursos de etnografia e pesquisa de campo pioneiros que resultaram na conversão para a antropologia de alguns professores. Nesta entrevista, as perguntas foram elaboradas por dois ex-alunos dele – Roberto Lima e Cintya Rodrigues –, e Brandão, com sua generosidade habitual, escreveu muito mais do que era possível publicar no exíguo espaço do jornal dos estudantes. Ficou combinado, então, com ele, a equipe do jornal, os entrevistadores e a comissão editorial desta revista que a entrevista seria publicada na íntegra neste número da *Sociedade e Cultura*.

A sua atuação na antropologia é marcada por um contínuo diálogo com outros campos disciplinares (psicologia social, educação, folclore, literatura, meio ambiente e, mais recentemente, a geografia). Como esses diálogos contribuíram para as suas reflexões antropológicas?

Quero que esta pequena entrevista seja bastante pessoal, logo, confessante e biográfica.

Creio que cheguei aos caminhos da antropologia vindo de rumos não diferentes dos de muitas e muitos outros antropólogos daqui e de fora. Um dos meus sonhos de vida foi ser piloto de aviões. Cheguei a entrar na Escola Preparatória de Cadetes de Ar. Um acidente dentro de um rio, no ano seguinte (1957), me tirou de lá e do meu sonho. Sonhei ser engenheiro florestal

e foram as minhas dificuldades com a matemática e com a física que me acabaram levando para a filosofia e, no ano seguinte, para a psicologia, que nunca foram sonho nem projeto meu.

Mas foi através delas e, mais ainda, de minhas experiências com a Cultura Popular (com letras maiúsculas), como em nossos “Movimentos de Cultura Popular” as chamávamos. Assim, cheguei à antropologia já professor, casado e pai de filhos, pelos caminhos de minhas primeiras e amadoras (e amorosas) pesquisas de “folclore e pesquisa popular” e pelo caminho da educação popular, com a qual sempre estive e estou até hoje vinculado.

Isto tudo para dizer que não foi apenas uma espécie de difusa “evolução intelectual”, mas também, por causa de meus caminhos e desaminhos, que eu cheguei a esta antropologia que, mais do que uma estrada de mão dupla, é como uma dessas velhas praças de cidades de Minas até onde você pode chegar e sair vindo e indo por várias e diferentes ruas.

* Doutor em Antropologia e professor do Departamento de Ciências Sociais da UFG.

** Doutora em Ciências Sociais e professora do Departamento de Ciências Sociais da UFG.

As experiências, os aprendizados, os muitos diálogos com os “outros”, próximos e distantes somente fizeram aumentar esta perigosa e deliciosa aventura de multilinguagens e de pluri-olhares. Todo o tempo de minha vida como antropólogo (1972/hoje) e como professor (1967/hoje) foi sempre marcado por este viver, pensar, pesquisar e lecionar em e entre zonas de fronteira. De fato, ao longo desta sinuosa e nem sempre recomendável trajetória, a “minha antropologia” esteve sempre em diálogo com a arte, a religião, a educação, a pessoa e a psicologia, a questão ambiental. E, hoje, mais ainda.

Não sei avaliar como esta vida “entre” me influenciou nisto ou naquilo. Sei que gosto dela, embora respeite bastante (e de vez em quando até inveje colegas bem mais profissionais e bastante mais especializados). Sei que este viver “entre” tem sido uma experiência fértil e fecunda. Agora mesmo trabalho entre geógrafos, educadores, militantes populares, artistas, ambientalistas, antropólogos. Não sei com qual deles aprendo melhor, e poderia dizer que aprendo o mais belo e mais frutífero “entre todos eles”.

Todos os antropólogos conhecem as passagens em que Clifford Geertz lembra que o que os antropólogos fazem é gerar leituras “de segunda ou de terceira mão”, e que a antropologia afinal é como uma outra literatura. Recentemente me chamou a atenção ler algo muito semelhante em nosso grande geógrafo, Milton Santos (*A natureza do espaço*).

O que eu não sei se eles e nós sabemos é que, quando Barthes proferiu a sua célebre aula magna no Collège de France, ao assumir ali a cadeira de Semiologia Literária, ele ousou ir além. Ele deu uma aula sobre a aula (Cultrix, São Paulo, saiu agora uma nova edição). Ora, depois de dizer que toda a fala que se escreve ou diz provém sempre de uma fonte de poder. E que nada adiante fazer de teórico ou sério pra reverter esta maldição do dizer, porque toda a fala que teoriza contra um poder acaba virando um outro poder. Ele diz que existe somente uma saída: trapacear com a linguagem, com a fala, com a escrita. E isto, diz ele, é o que a literatura faz.

Mas, páginas adiante, ele vai dizer algo aparentemente ao contrário.

E eu não sei se é por este dizer em que creio – com uma moderação entre ele, Milton Santos e Geertz – que faz tempo faço antropologia e literatura, teoria e poesia, textos para a academia e escritos para crianças. Quero que vocês leiam comigo o que ele escreve. E que isto não desanime pós-graduando algum e nem sirva de desculpa, pelo menos em seus diálogos com orientadores. Ele diz isto:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como o Robinson Crusóé (*que eu li oito vezes, e que me fez mais antropólogo do que Paul Radin – CRB*) – há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, histórico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão contidas no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. [...] A literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta [...]. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir esta distorção que a literatura nos importa. [...] A literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor, que ela sabe algo das coisas – que sabe muito dos homens. (Páginas 18 e 19 da edição de 1985)

Não sei se este seria o sonho de Geertz, mas garanto que este é o meu devaneio.

– * –

Como você considera a discussão sobre a “transdisciplinaridade” e a “interdisciplinaridade” em um contexto de marcação de fronteiras disciplinares nas instituições e de “disciplinamento” do pesquisador?

Ora, aquilo que hoje em dia se anuncia como uma novidade típica de nossa confusa e deslumbrante pós-modernidade é algo que, creio, a antropologia prática, de forma mais humilde e silenciosa, há algum tempo. De fato vivemos hoje entre nomes e propostas de “fazer interagir

o pensar” através do “pensamento complexo, do holismo, de inter, multi e “transdisciplinaridades”. É bem provável que na aurora desta “Era do Conhecimento” estejamos de fato às portas de alguma nova revolução de Copérnico. Mas é bastante curioso observarmos como muitos dentre os inovadores de modos de sentir, pensar e escrever ciências são pessoas e são grupos de pessoas situadas de algum modo à margem dessas palavras e de suas promessas.

De minha parte creio nelas e penso que o amadurecimento e a generalização séria e fecunda do que elas almejam representarão de fato um “salto para o futuro”. Sem esquecer duas coisas. Primeiro: tudo o que parece uma absoluta novidade do presente em direção ao futuro tem as suas verdadeiras razões em algum passado, às vezes bem longínquo. Ainda seguimos fazendo perguntas muito próximas às de Heráclito e Heródoto. Segundo: “Tudo o que é sólido desmancha no ar”. Esta sentença, escrita um dia por Marx e Engels em um hoje esquecido Manifesto comunista, deveria ser lembrada nem que seja para conter um pouco de nossas às vezes desmedidas vaidades intelectuais.

Estamos de fato nas portas e janelas de um tempo que nos desafia a novas integrações, novas interações e novas indeterminações.

Novas integrações entre ciências e campos das ciências. E não apenas as que são vizinhas (antropologia–história–sociologia), mas entre as que até agora nos pareceram tão distantes (antropologia–genética–geografia). Novas interações (um passo mais ousado) entre ciências e outras fecundas formas de conhecimento. Lembrar Roland Barthes, lembrar Gaston Bachelard, lembrar Claude Lévi-Strauss, lembrar Leonardo da Vinci (e não por causa de seu código): as artes não são o devaneio sensível do espírito, não são a “hora do recreio” das ciências. As artes são uma outra igualmente confiável e talvez mais humana e mais profunda forma essencial de conhecimento. E não esquecer que o último artigo do mesmo Clifford Geertz publicado em português é um estudo sobre a atualidade e a relevância da religião em todas as culturas e entre as culturas do “mundo de hoje” (“O futuro das religiões”, caderno *Mais*, 14 de maio de 2006, Folha de São Paulo, p. 10). E ele, como tantas e tantos de nós, pergunta a

Durkheim e, mais ainda, a Comte e a Marx o que é feito das teorias que em nome da ciência antecipavam “o fim das religiões”.

Novas indeterminações. Creio que já falei sobre isto. Mas é preciso acreditar com mais força ainda que o valor de qualquer pensamento científico de hoje não está no acúmulo de suas certezas comprovadas (provisoriamente), mas em sua capacidade de colocar-se em diálogo com outras: outras teorias de seu campo de ciência, outras ciências de seu campo de pensamento, outras formas de sentir e compreender o mundo, entre a arte e a magia, a religião e as filosofias do Oriente. Ensinamos demais aos “outros” e o resultado é o mundo que aí está. Não terá chegado o tempo de aprender com eles?

E a antropologia tem um lugar muito importante aqui. Pois, para ela, de vez em quando até o “relativismo cultural” é pouco.

– * –

Você é um antropólogo reconhecido por contribuições às reflexões sobre o método de pesquisa de campo e sobre a pesquisa participativa. Por outro lado, você é também reconhecido como um pesquisador com muita experiência em pesquisa de campo. Queríamos que comentasse esses dois pontos e nos falasse como percebe a pesquisa de campo em antropologia nas pós-graduações hoje.

Ainda sou do tempo em que a antropologia era no campo, nos dois sentidos da palavra. Era uma ciência que “ia lá”. E era uma ciência que “ia onde os outros não iam”. A experiência do campo – o campo de pesquisa e o campo como as comunidades de montanha e sertão por onde andei e ando ainda (estou neste momento envolvido em pesquisas de campo com uma equipe de geografia da UFU nas beiras do Rio São Francisco por onde você mesmo, Roberto, andou) – foi e segue sendo a minha melhor escola como antropólogo. Ainda acho que nós, antropólogos, “aprendemos aqui para ir lá e voltar aqui”.

Que essa “tradição antiga” se transforme e produza várias alternativas, tudo bem. Mas que ela não se deprave e nem se perca. Fui e

sou de um tempo em que uma pesquisa de campo de quatro meses era muito “curta”. E volta e meia me vejo em bancas de tese em que a futura doutora confessa que deu conta de seu “campo” com quatro idas de fim de semana.

Há em tudo isto uma densidade que se perde. Uma capacidade científica, mineira e sábia de não apenas registrar dados (ainda mais com os recursos da tecnologia das informáticas), mas conviver, com-sentir, pensar-com. Estar ali, ser não apenas um pesquisador em busca de informantes (basta o *Globo repórter*), mas uma testemunha de tempos, pessoas, culturas e memórias, em busca de aprendizados densos e difíceis. Em busca da substância de vidas e de seus mistérios, contradições, misérias, generosidades e conflitos.

Vejo com esperança, mas também com pesar e dúvidas, uma antropologia que se obriga à pressa da “produção intelectual”, que lança mão mais de fragmentos de xerox e, pior ainda, de páginas partidas de internet com artigos e “partes essenciais de artigos”, ao invés de livros inteiros. Quando é que você leu pela última vez um “livro inteiro”, de cabo a rabo? Quando foi que leu um romance inteiro (Paulo Coelho não vale)? Quando, um de poesia? Quando foi que você ouviu pela última vez pelo menos quatro sonatas de Beethoven? E olhe que daqui a pouco você vai ser mestre ou doutora.

A escuta atenta do outro. Eis o grande aprendizado e a grande lição da antropologia. Criar silêncios, ouvir entrelinhas, desvendar mistérios, compartilhar vidas. Trazer para esta prática que se perde, aí sim, os autores clássicos e os modernos e pós-modernos. Só aí, então. Se não for assim, você vai passar a vida repetindo os outros, pensando que ainda é muito original.

– * –

Seguindo essa discussão, o volume de publicações de sua autoria tem algo de espantoso (somente livros são 43, e vários deles são referências para a antropologia brasileira). Existe algum segredo?

Sim. Eu sempre gostei de escrever. Sempre gostei de ler (livros inteiros e sinfonias inteiras, até hoje).

Existe um outro. Desde cedo comecei a desconfiar que “se os outros fazem, eu posso fazer também”. E que a idéia de que pesquisa é uma prática apenas de alguns poucos é uma das misérias do mandarinato acadêmico. Desde cedo incentivei os meus alunos (aqui mesmo em Goiânia, nos anos 60) a irem para o campo. A participarem de projetos, a escreverem as suas idéias. E fiz disto também a minha prática.

Um pouco mais abaixo eu vou terminar esta resposta com o parágrafo final da mesma “Aula”, do mesmo Roland Barthes. E eu acho que vou transcrevê-la aqui (e esta não será nem a primeira e nem a terceira vez), porque a primeira metade dela revela algo essencial para quem está ainda “em formação”. E a segunda parte é reveladora para quem, como eu, já passou pelo “tempo do *curriculum vitae*” (de que o Lattes é a expressão mais depravada), o “tempo do memorial”, e chega, agora, ao “tempo da memória”.

Tudo isto para dizer que aos 66 anos de vida e na beira dos 40 de professor, sem pudor algum escrevo, ao mesmo tempo, para estudantes, professores, educadores e antropólogos. Escrevo para artistas e ambientalistas. Par adultos, idosos e, mais ainda, agora, para crianças e jovens. Misturo falas e escritas. Faço parte de equipes de filmes-documentários. Sei que perco um pouco de uma certa “postura acadêmica” que nós todos prezamos muito. Mas o que eu ganho em termos de um fronteiro sentimento de multicriação, eu acho que compensa tudo. Afinal, como Barthes (mas guardadas as proporções), pouco antes de sua morte, acho que eu agora também mereço duas coisas: esquecer e aprender a desaprender.

Leiam o que Barthes nos deixou. Mas, repito, a quem esteja entre o mestrado e o doutorado, vale apenas o que está até o terceiro ponto. Aos que viajaram depois disto longas distâncias e horizontes, vale o que vem dele em diante.

Empreendo, pois, o deixar-me levar pela vida de toda a vida viva. Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem agora talvez a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de

deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. (O mesmo Barthes, no mesmo livro, na página 47. Os grifos são dele)

— * —

Está havendo uma demanda crescente de pareceres, laudos e perícias, tanto por parte de órgãos públicos (Ministério Público, Ibama, Funai, Fundação Palmares), quanto por empresas (empreiteiras, talvez as mais recorrentes), situação que muitas vezes implica tomadas de decisão e soluções de conflitos mediadas por antropólogos. Como o senhor avalia a emergência desse campo que tem também ressuscitado o rótulo de “antropologia aplicada”?

Um dia, aqui em Goiânia, um velho e querido amigo meu deixou de lado os planos de formar-se em ciências sociais e resolveu fazer direito. Era e segue sendo um militante de causas populares e na ocasião trabalhava com o povo do mundo rural goiano. Perguntei a ele a razão da mudança tão inesperada e, a meu ver, tão

fora de lugar, em seu caso. E ele respondeu o que digo a vocês: “Você sabe quantos cientistas sociais estão estudando os problemas sociais do povo?”. Eu respondi: “Não, mas acho que tem bastante, inclusive eu”. E ele disse: “Bem mais do que você imagina! E você sabe quantos advogados têm de fato lutando ao lado deles, pelos direitos deles?”. E eu respondi: “Não sei, mas acho que são poucos”. E ele completou: “Bem menos do que você pensa”.

Quando, mais de trinta anos depois, leio cifras da CPT, segundo a qual os assassinatos no campo brasileiro chegam a perto de 1.800 (sic) em dez anos, e que apenas sete assassinos estão presos, acho que talvez ele tem razão... bem mais do que eu imagino.

Isto não quer dizer que deveremos virar advogados nem que os biólogos deveriam virar médicos. Quer dizer que não tanto uma “antropologia aplicada”, mas uma “antropologia em serviço”, ou uma “antropologia participante”, está mais do que na hora de surgir e florescer.

Digo isto depois de haver escrito um punhado de livros de “pura antropologia”, por acreditar que acrescentar bons conhecimentos sobre quem somos, por que somos como somos e como poderíamos ser é o nosso melhor trabalho social. Mas digo que só isto não basta. E digo isto depois de viver bastante mais tempo como um participante de causas populares do que como um pesquisador de suas questões.